

ECOLOGIA: DESAFIOS À ÉTICA E AO CRISTIANISMO SEGUNDO LEONARDO BOFF*

**Ecology: challenges to ethics and Christianity
according to Leonardo Boff**

Rodrigo Marcos de Jesus**

Resumo:

Este artigo apresenta uma visão sintética do pensamento de Leonardo Boff com relação aos novos desafios colocados pela ecologia à ética e ao cristianismo. Debate o significado da crise ecológica à luz da questão da crise do paradigma ocidental e da emergência do paradigma ecológico. Expõe a ética que melhor corresponderia ao paradigma ecológico. Aponta algumas contribuições do cristianismo ao desafio ecológico.

Palavras-chave: paradigma ecológico; ética; cristianismo.

Abstract:

This article presents a synthetic vision of the thought of Leonardo Boff regarding the new challenges put by the ecology to the ethics and to the Christianity. It debates the meaning of the ecological crisis in perspective of the question of the crisis of the western paradigm and of the emergence of the ecological paradigm. It exposes the ethics that better would correspond to the ecological paradigm. It points to some contributions of the Christianity to the ecological challenge.

* Artigo enviado em 30/08/2010, aprovado para publicação 03/11/2010.

** Mestre e licenciado em filosofia. Co-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pensamento Complexo (NEPPCOM/UFMG). Integrante do projeto de pesquisa "Fé e Contemporaneidade" da FAJE.

Keywords: ecological paradigm; ethics; Christianity.

Introdução

Leonardo Boff representa no cenário intelectual brasileiro um dos pensadores que mais tem se debruçado sobre os desafios éticos da ecologia. Ele propõe pensar o agravamento das condições naturais e sociais de existência como colocando em xeque o *ethos* sobre o qual se constituiu a civilização ocidental. Essa reflexão será apresentada neste artigo. Analisaremos o novo *ethos* inspirado no paradigma ecológico e a contribuição do cristianismo no enfrentamento dos desafios contemporâneos.

1. O significado da crise ecológica

Normalmente quando pensamos em crise imediatamente surge à mente a ideia de destruição. E ao ouvirmos ecologia logo atrelamos o termo à temática ambiental. Desse modo a expressão crise ecológica parece significar unicamente a destruição da natureza, entendida como meio ambiente. Essas concepções são verdadeiras, mas parciais. Com efeito, em L. Boff os termos *crise* e *ecologia* abrangem um campo de significação mais amplo. Nem crise se equivale sem mais à destrutividade. Nem ecologia se reduz às questões ambientais. Para compreendermos a relação entre ecologia e ética no pensamento boffiano devemos primeiramente definir os conceitos, pois as palavras *ecologia* e *crise* possuem conotações específicas.

Crise engloba simultaneamente dois aspectos, um destrutivo e outro criativo. No primeiro, crise significa “uma descontinuidade e uma perturbação dentro da normalidade da vida provocada pelo esgotamento das possibilidades de crescimento de um arranjo existencial [individual, coletivo, etc.]” (BOFF, 2002, p. 25). O segundo, encontramos-lo na etimologia da palavra. Originária do sânscrito *kri* ou *kir*, *crise* tem o sentido de “desembaraçar” (*scatter, scattering*), “purificar” (*pouring out*), “limpar”, em português temos acrisolar e crisol (elemento químico usado para retirar as impurezas do ouro). Do grego (*krisis, krínein*), temos o sentido de decisão, juízo. Considerando a dupla significação do termo *crise*, desarranjo e desembaraçamento, esgotamento e decisão, o conceito de crise se amplia para além do sentido comum de desmoronamento de uma dada situação. Na verdade, a crise desvela possibilidades encobertas num contexto pré-crise, é o desenrolar de potencialidades latentes de uma determinada estrutura que não consegue mais responder às

questões colocadas por uma dada realidade. Esclarecido o conceito de *crise*, passemos ao de *ecologia*.

Ecologia é a relação, inter-ação e dialogação de todas as coisas existentes (vibrantes ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial. A ecologia não tem a ver apenas com a natureza (ecologia natural), mas principalmente com a sociedade e a cultura (ecologia humana, social etc). (BOFF, 1993, p. 15). Portanto, ecologia é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. (BOFF, 2009, p. 101).

Neste sentido, a ecologia é mais que uma simples técnica para gerenciar recursos naturais escassos. Como saber de relações que sublinha a rede de interdependência vigente de tudo com tudo, ela não pode ser reduzida a um campo específico de uma ciência.

Este conceito mais amplo de *ecologia* difere daquele comumente divulgado pela grande mídia e presente em nossas mentes. Leonardo Boff (2005, 2009) distingue esquematicamente quatro formas principais de realização da ecologia na contemporaneidade. A primeira e mais difundida é a *ecologia ambiental*. Esta diz respeito à relação entre ser humano e meio natural, se preocupa com questões relativas à agressão ambiental, tais como desmatamento, preservação da fauna e flora nativas. Uma segunda é a *ecologia social*, também conhecida como socioambientalismo, que trata das interações entre sistemas socioeconômicos e meio ambiente. Considera a existência de um vínculo inseparável entre problemas sociais e degradação ambiental. Temas como acesso aos recursos naturais de populações pobres, aquecimento global e fome nos países subdesenvolvidos, fazem parte das discussões travadas por essa vertente. A terceira forma é a *ecologia mental*. Nela estão envolvidas as representações interiores, mentais e como tais símbolos, energias psíquicas, arquétipos e padrões de comportamento influenciam na nossa relação com a natureza. A *ecologia profunda* é a quarta vertente ecológica, incorpora a contribuição das outras três, apresentando uma perspectiva holística e de totalidade, busca discernir a questão de fundo presente na crise ecológica: o *horizonte de sentido*, isto é, nosso modelo de relações e nosso sentido de existência.

Agora estamos em condições de saber o que significa *crise ecológica* no pensamento do autor estudado. Se ecologia não diz respeito somente à temática ambiental mas se amplia para a percepção das implicações e interações epistemológicas, éticas, econômicas, sócio-políticas e espirituais envolvidas nas relações entre seres humanos e entre estes e o ecossistema, então ela diz da totalidade da vida. E se, por outro lado, a crise fala do esgotamento

de um arranjo existencial, podemos concluir, com Boff, que a crise ecológica coloca em evidência uma crise maior: uma *crise de paradigma*. A crise do paradigma ocidental: afinal, é sob a influência dele que se desenvolveu e eclodiu a crise ecológica. Caracterizemo-lo.

2. Características do paradigma ocidental (moderno)

Antes de delinear em traços gerais o paradigma ocidental, convém apresentar o conceito de *paradigma* do qual parte L. Boff. Para ele, paradigma é “uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com tudo o resto à nossa volta. Trata-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante” (BOFF, 1999, p. 27).

Ora, o paradigma, por assim dizer, molda nosso olhar, direciona nossa ação e institui sentido. Sob essa tríade caracterizaremos o paradigma ocidental.

Leonardo destaca no paradigma vigente três desvios básicos, a saber: a) reducionismo na concepção de ser humano; b) recalque do feminino¹; c) desrespeito à alteridade e à natureza. Tais desvios teriam dado origem, respectivamente, à compreensão do ser humano como unicamente um ser de necessidade, à exacerbação do poder e à falta de cuidado e à dominação e exploração da natureza e dos seres humanos. Vejamos quais elementos sustentam estes desvios. Descrevamos a lógica e a concepção cosmológica, a ética implicada e o sentido orientador.

A ciência clássica (Descartes, Galileu, Newton) pauta-se pelo paradigma da redução, da simplificação, da lógica linear e da não-interferência do sujeito (BOFF, 1994, 1999). Busca-se um conjunto de leis básicas e mínimas que governariam o universo. Estas leis seriam simples, livres de contradição e objetivas, ou seja, independentes do sujeito que as formula. Como são simples, um pressuposto dessas leis é a unicausalidade. Toda complexidade da realidade seria apenas aparente. Assim, o mundo passa a ser dividido em algo que se mostra (o fenômeno) e algo que está por trás, produz o fenômeno (as leis). Instaura-se um dualismo e o complexo é reduzido ao simples. Justifica-se a atomização dos saberes, pois quanto mais atômico (simples) é um conhecimento, mais próximo da verdade ele se encontra.

¹ *Feminino*, assim como *masculino*, são, para L. Boff, estruturas ontológicas do ser humano presente tanto nos homens quanto nas mulheres. Portanto, masculino e feminino não se referem a categorias de gênero da espécie humana. O masculino é aquela dimensão que tem como características o trabalho, a objetividade, a razão instrumental, o pensamento disjuntivo e compartimentador. O feminino é a dimensão do cuidado, da interioridade, do afeto e do pensamento relacional e de totalidade. Cf. BOFF, L. e MURARO, R. *Feminino e Masculino*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

A ciência torna-se a única forma válida de conhecimento. O diálogo com o universo é experimental e possui duas dimensões: a compreensão e a modificação. Pela primeira, a ciência descobre, compreende como funciona a natureza. E, pela segunda, de posse dessa compreensão, a modifica através da técnica. Pela via experimental o ser humano passa a conhecer como funciona a natureza e com isso pode inventar técnicas capazes de dominá-la e colocá-la à sua disposição. De contemplador torna-se construtor e senhor da natureza. A razão instrumental ascende à posição principal. O mundo agora é objeto de intervenção e construção, é apenas uma coisa, destituído de alteridade. Está aí para ser dominado pelo ser humano.

Essa concepção forma uma imagem do ser humano e da natureza. Esta é vista como exterior e objeto de manipulação. E o ser humano é superior à natureza, toda ela está ordenada e submetida a ele. A natureza seria somente um depósito de recursos à disposição das necessidades humanas. O antropocentrismo é a categoria que melhor expressa a nova situação. O ser humano é o centro do universo, em torno dele estão a natureza e os demais seres vivos. A cosmologia — imagem de mundo — que daí nasce é, portanto, de um universo máquina: determinado por leis básicas e compreensíveis ao ser humano. E no topo do universo se encontra o ser humano, senhor-dominador de tudo.

A ética engendrada por esse paradigma não pode ser outra não ser uma que valorize a razão e a utilidade. Ético será aquilo que favorece o ser humano, o que lhe seja útil, mesmo isso significando a destruição da natureza. A razão é valorizada em detrimento das emoções, consideradas subjetivas e impossibilitadoras de uma universalidade necessária à formulação de um *ethos*. Com a razão teríamos um caminho seguro e objetivo na busca desse *ethos*, assim como a razão se mostrou propícia à constituição da ciência. O paradigma moderno dá origem a uma ética regida pela razão instrumental, utilitária: quais os meios mais adequados para se atingir um determinado fim? Este fim é o ser humano, a satisfação de suas necessidades e de seus desejos. Historicamente, esse fim antropocêntrico foi interpretado androcentricamente², a mulher sendo submetida e subjugada pelo homem. Tudo o que se referia à dimensão feminina como o cuidado, a natureza, as emoções, a interioridade, foram excluídos, tidos como inapropriados para fundar e estabelecer um *ethos*.

O sentido orientador do paradigma ocidental é a *conquista*. O conhecimento é assumido como forma de intervenção e dominação

² “[...] este *antropocentrismo*, quando considerado historicamente, se desmascara como *androcentrismo*. É o varão e macho que se autoproclama senhor da natureza e não tanto a mulher. Esta é considerada por ele como parte da natureza que ele deve possuir com exclusividade, domesticar e submeter à sua lógica racional, objetiva e voluntarista” (BOFF, 1999, p. 113).

da natureza, o que corresponde à imagem de mundo na qual o ser humano está fora, acima, tendo como função o domínio sobre a natureza e os demais seres. O *ethos* vivenciado é pouco sensível à alteridade. Dessa forma, a natureza não passa de um “armazém de recursos”, algo a ser manipulado, e o diferente, aquilo que foge à razão instrumental-analítica, algo a ser incorporado à universalidade ou destruído. Não é sem razão que Bacon utiliza a figura do inquisidor como representativa da relação que o cientista deve ter para com a natureza (cf. BOFF, 1994, p. 66). E nem de se estranhar ser o conquistador, o desbravador de novos mundos, o colonizador (como Cortés, por exemplo), o ícone ético-político que vigorou nos últimos quatro séculos da história ocidental.

Esse paradigma que coloca o ser humano *sobre* as coisas para dominá-las separou radicalmente ser humano e natureza e deu ênfase ao poder como dominação. Está enraizado num antropocentrismo (androcentrismo) absoluto, não confere alteridade à natureza e desvaloriza outras formas de se relacionar com ela e com os outros seres humanos que sejam diferentes daquela pautada pela racionalidade instrumental. Transforma o ser humano num ser unicamente de necessidades que devem ser satisfeitas utilizando-se o instrumental da racionalidade técnica, não importando o grau de devastação e de exploração a que possa levar seu desejo ilimitado. Essa ideia só persiste porque se ancora na falsa crença de dois infinitos: do progresso e dos recursos naturais. A crise ecológica mostra a insustentabilidade dessas crenças. O progresso, na concepção moderna, entendido como crescimento ilimitado e linear, produziu degradação ambiental e subdesenvolvimento. A exploração da natureza nos fez ver que os recursos disponíveis são limitados e escassos. O patamar de desenvolvimento alcançado pelos países ricos não pode ser universalizado, a Terra não suportaria. Com isso a crise não diz respeito somente à preservação dos recursos, ela questiona a imagem de mundo e de ser humano sob a qual se assentou a cultura ocidental. E mais, indaga sobre o modo como habitamos a Terra e nos relacionamos entre nós (humanos), sobre o *ethos* e o sentido adotado em nossa vivência.

3. Características do paradigma ecológico

O paradigma ecológico emerge como contraponto ao paradigma moderno. Isso não significa a rejeição por completo do que foi produzido pelo paradigma anterior. “Essa mudança [paradigmática] precisa ser dialética, vale dizer, assumir tudo o que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente mais globalizante e benfazejo” (BOFF, 1999, p. 26). Por exemplo, critica-se a via experimental da ciência como *única* forma

de diálogo com a natureza, mas não se lhe retira a validade. Ela passa a ser *uma das formas* de conhecimento ao lado de outras, como o senso comum, o saber popular, a religião, etc. Da mesma maneira, não é negada a dimensão de necessidade do ser humano, somente se lhe tira o caráter absoluto. Nem se nega o poder, mas lhe são conferidos matizes outros além do poder-dominação, como o poder-serviço. O sentido de complementariedade prevalece nesse novo paradigma, renuncia-se não àquilo que é abordado pelo paradigma moderno, porém ao monopólio de sua visão. Cumpre contextualizar o modo como a modernidade forjou sua visão de mundo, agiu com relação à natureza e aos seres humanos e conferiu sentido à sua forma de ser no mundo.

Para L. Boff, no paradigma ecológico é apresentada uma

nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações [...], está se desenvolvendo uma nova sensibilização para com o planeta como um todo. Daqui surgem novos valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por um número cada vez mais crescente de pessoas e comunidades (BOFF, 1999, p. 29-30).

Surge uma nova visão da Terra e do ser humano, o que inspira uma nova ética e aponta um sentido orientador diferente daquele da modernidade.

As raízes históricas do paradigma ecológico encontram-se na crise do paradigma clássico na física, com o advento da física quântica, na nova biologia (Maturana), na química (Prigogine), no desenvolvimento da ecologia, na psicologia transpessoal, na cosmologia contemporânea, no surgimento das ciências da terra e no processo crescente de globalização. Já enfatizamos anteriormente o sentido de ecologia adotado por Boff. Cabe aqui reiterar sua ideia-base: o inter-retro-relacionamento. A partir dessa ideia compreendemos como o paradigma ecológico tem como característica básica a re-ligação. Compreender a inter-retro-relacionalidade que envolve a realidade nas suas dimensões físico-química, biológica, sócio-política e espiritual demanda um olhar capaz de relacionar e re-ligar os saberes. Em tensão dialética com um paradigma que separa, divide e reduz o conhecimento, é necessário outro que revele as interconexões, seja dinâmico e dê conta de trabalhar a complexidade da vida.

Neste paradigma estabelece-se a re-ligação do ser humano com a natureza, a incorporação do feminino e uma nova aliança com a Terra. Como tudo o que existe passa a ser compreendido sob o arco do tempo e da evolução, não tem sentido pensar em termos antropocêntricos. O ser humano irrompe no processo evolucionário quando 99,98% do planeta já existia. Assim, não é a Terra para o ser

humano, mas este para a Terra. O humano é a Terra enquanto autoconsciência e liberdade. Isso o faz co-piloto da evolução. Por poder intervir sobre o curso evolutivo torna-se um ser *ético*. Ele pode ajudar ou destruir o planeta. É impróprio falar do ser humano *sobre* a Terra, ele é um ser *da, junto com* a Terra, possui com esta a mesma origem e destino comuns. Dessa forma, urge uma nova aliança com o planeta. Qualquer exploração irrefreada e agressão ao equilíbrio dinâmico que leve a uma desestruturação na rede de interconexões e ponha em risco a vida precisa ser condenada e evitada. Ao ideal de dominação e controle instituidores de sentido no projeto moderno contrapõe-se o diálogo e o cuidado para com o planeta e todos os seres, principalmente os mais ameaçados. Resgata-se, então, o feminino e o *pathos*, dimensões recalcadas por não se encaixarem na perspectiva intervencionista-manipuladora e racional-instrumental do ideário da modernidade.

Apresentado sucintamente o paradigma ecológico e feita uma contraposição com o paradigma moderno, passemos agora à caracterização da ética que lhe corresponde.

4. Paradigma ecológico e ética

A ecologia dá corpo a uma ética enquanto indaga como cada saber, instituição ou poder ajuda a salvaguardar a Terra e, portanto, a vida. Como os conhecimentos, as ações e o sentido de nosso ser no mundo se redefinem a partir da perspectiva ecológica (o equilíbrio dinâmico e criativo entre todos os seres)?

Mais do que dispor da realidade ao seu bel prazer ou dominar dimensões da natureza o ser humano deve aprender o manejo ou o trato da natureza obedecendo a lógica da própria natureza ou, partindo do interior dela, potenciar o que já se encontra seminalmente dentro dela. Sempre numa perspectiva de sua preservação e ulterior desenvolvimento (BOFF, 1999, p. 19).

Ressaltemos que preservar e obedecer à lógica da natureza deve ser entendido no sentido biocêntrico, e não antropocêntrico. Ou seja, o ser humano faz parte da natureza e por isso está sob a mesma lógica que a rege, vale dizer, o inter-retro-relacionamento, a teia complexa de relações que mantém a vida. De tal perspectiva emerge a preocupação ética de responsabilidade pela conservação e perpetuação da comunidade de vida. A crítica ecológica transforma-se numa crítica radical ao tipo de civilização construído pela modernidade, uma crítica ao *ethos* de características antropocêntricas, racionalista-instrumentais e que "tem como eixo articulador não a vida, a sua grandiosidade, a sua defesa e a sua

expansão, mas o próprio poder e os meios de mais poder que é dominação” (BOFF, 1999, p. 114)

A modernidade antropocentrada e dominadora produziu uma civilização contra a natureza, baseada na lei da competitividade. A nova concepção paradigmática mostra a relação e inter-ligação de tudo com tudo e enfatiza a inexistência de vida fora da relação: “a lei mais universal é a sinergia, a sintropia, o inter-retro-relacionamento, a colaboração, a solidariedade cósmica e a comunhão e fraternidade/sororidade universais” (BOFF, 1999, p. 43). Poderíamos dizer que a lei da competição, da disputa de forças em que o mais forte vence (Darwin) deve ser entendida dentro e não acima da cooperação entre os seres (cf. BOFF, 2003b, p. 45). Se é assim, o novo *ethos* nascido do paradigma ecológico será bem diferente daquele da racionalidade instrumental. Ele se assentará em outra forma de racionalidade (complexa, inclusiva, não-linear) e buscará dialogar com dimensões (recalcadas) outras do ser humano.

Porém, antes de explicitarmos a proposta ética de Boff, esclareçamos o que o autor entende por *ética* e *moral*. Tal distinção permitirá compreender o lugar da reflexão boffiana como crítica e procura pôr princípios comuns mínimos passíveis de consenso.

“Ética somente existe no singular, pois pertence à natureza humana, presente em cada pessoa, enquanto moral está sempre no plural, porque são distintas formas de expressão cultural da ética” (BOFF, 2003a, p. 28). Leonardo remonta ao sentido originário de *ethos* como morada, abrigo permanente. A morada seria o lugar que enraíza o ser humano na realidade, dá-lhe segurança e acolhimento. Como a morada humana não é dada de antemão, ela precisa ser construída (obra da cultura). O *ethos*, portanto, não é algo acabado, é algo a ser feito e refeito. A questão colocada pela ética é: como construir a morada (casa) humana de maneira que possamos viver bem, sentirmo-nos acolhidos? “Ética tem a ver com fins fundamentais (como poder morar bem), com valores imprescindíveis (como defender a vida, especialmente a do indefeso), com princípios fundadores de ações (dar de comer a quem tem fome) etc.” (BOFF, 2003a, p. 28).

Se a ética se preocupa com o fim (morar bem), a moral será constituída pelos modos concretos através dos quais realizaremos esse fim. A moral, então, diz respeito aos hábitos, virtudes e estatutos jurídicos consagrados pela tradição cultural de um povo para a consecução da finalidade ética. “Moral (*mos – mores* em latim) significa, exatamente, os costumes e valores de uma determinada cultura. Como são muitos e próprios de cada cultura, tais valores e hábitos fundam várias morais” (BOFF, 2003a, p. 29).

Ética e moral se articulam intrinsecamente da seguinte maneira: a ética é a reflexão universal sobre o como fazer da morada humana um local bom para se viver, conviver, autônomo e habitável,

e a moral, por sua vez, estabelece as regras para melhor realizar esse fim ético. A esfera da ética é a dos princípios condutores da ação e a esfera moral diz respeito aos modos concretos, condizentes com os princípios, que efetivam a ação. Segundo Leonardo:

[...] a ética assume a moral, quer dizer, o sistema fechado de valores vigentes e de tradições comportamentais. Ela respeita o enraizamento necessário de cada ser humano na realização de sua vida, para que não fique dependurada nas nuvens. Mas a ética introduz uma operação necessária: abre esse enraizamento. [...] A ética, portanto, desinstala a moral. Impede que ela se feche sobre si mesma. Obriga-a à constante renovação no sentido de garantir a habitabilidade e a sustentabilidade da moradia humana: pessoal, social e planetária (BOFF, 1998, p. 93-4).

Estabelecida a distinção, analisemos a ética em Boff.

Leonardo Boff considera um estigma do nosso tempo a falta de cuidado para com o planeta, os seres humanos explorados e nós mesmos. Essa falta nos levou a inverter a lógica presente na natureza: passamos de uma ordem do cuidado, da solidariedade, essencial à manutenção da vida, como o demonstra o paradigma ecológico, para uma forma de ser no mundo orientada pela vontade de poder entendida como dominação. Regidos por essa lógica chegamos à crise ecológica, que envolve as crises ambiental, social, mental e espiritual. A seguir nesta linha, iremos ao encontro do mesmo destino dos dinossauros.

Ao olharmos a natureza deparamo-nos com uma totalidade dinâmica, uma convergência de crescimento e complexidade, uma adaptação e solidariedade entre os seres, a possibilidade de regeneração e utilização ótima dos recursos, e a manifestação do todo na parte e desta no todo. Essa percepção é inspiradora de um *ethos*, de valores.

Para Boff a solidariedade cósmica na construção do universo e da vida revela como a natureza é perpassada pelo cuidado na sua constituição. Cuidado, na esfera humana, que se faz perceber como condição necessária ao surgimento do próprio humano. O mito do cuidado ilustra a importância do cuidado, quando enfatiza que este está na raiz fontal da constituição humana³.

O que significa propriamente *cuidado*? O cuidado para Boff é uma experiência-base da vida humana. Sem cuidado não é possível a existência.

Cuidado é uma relação amorosa para com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para seu desenvolvimento. Em tudo os humanos colocam e devem colocar cuidado: na vida, na natureza, na saúde, na

³ Cf. os livros de Boff *Saber cuidar e Ética e eco-espiritualidade* (2003b), especialmente p. 28 e 29.

peessoa amada, em quem sofre e na casa. Sem cuidado a vida perece (BOFF, 2003b, p. 82).

Ora, se é assim, a primeira experiência humana não é de distância, nem regida prioritariamente pelo *logos*, mas é de proximidade e afeto (*pathos*). A nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo e com os outros é construída originariamente por laços afetivos. A razão é posterior. Portanto, o acesso do ser humano à lógica da natureza se dá também pelo *pathos*, pela intuição, pelo cuidado. A via da razão instrumental é insuficiente para compreender a estrutura da natureza tal como apresentada pelo paradigma ecológico.

Nesta concepção, então, o *pathos* ressurgue como dimensão fundamental e o cuidado como modo de ser propiciador da vida. O ser humano aparece como fundamentalmente um ser de cuidado. É sob o signo do cuidado que L. Boff definirá sua proposta ética.

Para Leonardo Boff: "A ética do cuidado é seguramente a mais imperativa nos dias atuais, dado o nível de descuido e desleixo que paira como uma ameaça sobre a biosfera e o destino humano, objetos de crescentes alarmes dos grandes organismos ecológicos mundiais" (2003a, p. 82-83). Esta ética se desenvolve a partir do *pathos*, tomado como primordial no ser humano, e enriquecido pela tradição do *logos*. Quer dizer, há a conjugação da racionalidade simbólica e cordial com a racionalidade instrumental. Semelhante ao ocorrido no paradigma ecológico no qual um novo olhar redefine e ao mesmo tempo incorpora os avanços do paradigma ocidental.

A ética assim compreendida descobre o mundo como portador de autonomia relativa e valor intrínseco. Essa constituiria a relação primordial do ser humano para com a natureza. E não como acontecia na ética utilitarista, ancorada no paradigma anterior, em que o mundo só possuía valor na sua funcionalidade a serviço dos interesses humanos e era considerado objeto de posse.

Uma ética centrada no cuidado expressa reverência e respeito pela vida que se revela em cada ser e na Terra como organismo vivo (Gaia). Isso implica considerar as várias dimensões componentes do tecido complexo de relações sob o qual se sustenta e reproduz a vida, incluindo a vida humana. Logo, a ética do cuidado não se concentra somente nos aspectos ambientais, mas, sobretudo, considera as questões sociais, mentais e espirituais envolvidas, uma vez que elas constituem condições mantenedoras ou destruidoras da vida.

O cuidado funda a primeira atitude ética fundamental capaz de proteger a Terra, a vida, e garantir direitos dos seres humanos e das criaturas, a convivência e a solidariedade em compaixão e amor. Nessa perspectiva a urgência é de cuidar dos seres mais ameaçados com a agressão promovida e justificada pelo paradigma e *ethos* da modernidade. Isso significa cuidar, primeiramente, da Terra como sistema vivo e complexo, base sem a qual qualquer outra mudança

fica inviabilizada e, em seguida, do ser humano pobre, segundo Boff, o ser mais explorado pela lógica dominadora.

Leonardo Boff vê, pois, um entrelaçamento forte entre as temáticas ambiental e social. "A mesma lógica do sistema imperante de acumulação e de organização social que leva a explorar os trabalhadores leva também a depredar a natureza" (BOFF, 1999, p. 173). Há um progresso imenso e profundamente inumano e antiecológico. A expoliação da Terra e a produção da pobreza e miséria caminham juntas. A injustiça ecológica segue a injustiça social. Os relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) apontam justamente para tal situação. Apesar dos efeitos do aquecimento global serem sentidos por todos, tanto os países do Norte quanto os do Sul, nestes a devastação ambiental e suas consequências socioeconômicas serão ainda piores. Os mais afetados serão os mais pobres.

A *ética do cuidado*, diz Boff, é expressa formalmente na *Carta da Terra*. A *Carta* possui como eixo articulador a categoria de inter-retro-relação de tudo com tudo.

Isso lhe permite sustentar o destino comum da Terra e da humanidade e reafirmar a convicção de que formamos uma grande comunidade terrenal e cósmica. As perspectivas desenvolvidas pelas ciências da terra, pela nova cosmologia, pela física quântica, pela biologia contemporânea e os pontos mais seguros do paradigma holístico da ecologia subjazem ao texto da *Carta* (BOFF, 2003a, p. 72).

Na *Carta* encontra-se articulada a interdependência entre o ambiental, o social, o mental e o espiritual, tal como no conceito de ecologia adotado por Boff. Transcrevemos os quatro eixos principais do documento para visualizar melhor a articulação acima apontada: 1) Respeitar e cuidar da comunidade de vida; 2) Integridade ecológica; 3) Justiça social e econômica; 4) Democracia, não-violência e paz. Os princípios visam debater a crise ecológica de forma holística e criar com isso uma nova mentalidade. A conclusão do texto o revela: "Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela luta pela justiça e pela paz e pela alegre celebração da vida" (cf. BOFF, 2003b, p. 23).

A *Carta*, por partir de uma compreensão holística da realidade e por conter os princípios acima colocados, é um exemplo de orientação sob a égide do cuidado. Ela mostra as relações entre ser humano e natureza, as imbricações sociais e políticas dessa relação, concebe a Terra como totalidade dinâmica, tem consciência da gravidade da situação, supera o conceito falso de desenvolvimento sustentável pelo de sustentabilidade e lança luz para a criação de uma nova relação dos seres humanos entre si e com a Terra.

Portanto, a ética do cuidado é aquela própria ao paradigma ecológico. Comunga com este a mesma percepção da realidade e se encontra expresso no documento da *Carta da Terra*, que enfatiza uma nova consciência e uma nova forma de ação, enfim, um novo paradigma civilizatório.

5. O cristianismo e o desafio ecológico

A crise ecológica revela a crise civilizacional da modernidade. E nesse sentido implica o cristianismo a se repensar, a tomar posição diante dos desafios que se anunciam e a contribuir para a emergência de uma outra civilização possível sustentada no paradigma ecológico.

Numa autocrítica o cristianismo, de acordo com Boff (1993, 1994, 1999), deve assumir sua parcela de responsabilidade pela crise. O pensador elege alguns elementos do cristianismo que expressariam uma perspectiva incapaz de responder ao desafio ecológico. Salientaremos aqui dois pontos: o antropocentrismo e a questão do poder.

Para Leonardo Boff (cf. 1993, p. 46) o judeu-cristianismo é corresponsável pelo antropocentrismo. Certamente não é o único fator, mas um dos contributos que fundamentaram uma visão exacerbada do ser humano ante a natureza e aos demais seres. No livro do *Gênesis* (1, 26-28; 9, 2.7), por exemplo, encontra-se uma narrativa da criação que reforça a imagem do ser humano como dominador da natureza. Como imagem e semelhança de Deus caberia a ele subjugar e se fazer temido pelos outros seres. Sua missão, assim, é do *dominium terrae* irrestrito. Essa imagem teria sido assimilada pela modernidade, seja dessacralizando o mundo, transformado em mero objeto manipulável, seja legitimando a conquista atroz do mundo e seu submetimento à subjetividade arbitrária do ser humano.

O poder-dominância, característica do paradigma ocidental, teria sido ainda fortalecido por um cristianismo histórico que identificou de modo equivocado e a serviço da conquista de povos inteiros fé (experiência do Mistério) e religião (interpretação do Mistério). Esse cristianismo, que Boff chama de oficial (cf. 1994, p. 50) atrelou missão evangélica e conquista político-militar, a exemplo da colonização latino-americana. Além disso, assentou-se sob a sacralização e centralização do poder eclesiástico, gerando uma estrutura de igreja extremamente hierarquizada, reforçadora dos mecanismos de obediência, da reafirmação de preceitos dogmáticos, de uniformização dos rituais e de uma moral desligada da vida concreta.

Essa visão do ser humano como dominador e a prática do poder no cristianismo oficial não seriam universalizáveis. Representam,

segundo Boff (cf. 1994, p. 51), muito mais um regionalismo ocidental. Mas na própria experiência de fé do cristianismo seria possível encontrar outra imagem de ser humano e outra forma de atuar no mundo.

Boff recorre ao mesmo livro do *Gênesis* (2, 15) a fim de buscar uma visão diferente do ser humano. Aí aponta uma segunda versão da missão do ser humano na terra. Ao contrário da primeira, nesta o humano, feito imagem e semelhança de Deus, isto é, feito um ser criador, é chamado a cultivar e guardar o jardim do Éden. "O ser humano é amigo da natureza, trabalha com a terra (cultivar é isso) é o anjo bom que a preserva" (BOFF, 1993, p. 47). Entretanto, essa perspectiva não vigorou na tradição ocidental, ainda que tenha se constituído um filão sempre presente e que aprofundou, em termos de reflexão, uma teologia da criação. Leonardo Boff (cf. 1993, p. 48) cita nessa linha são Boaventura, Duns Scotus, as teologias das realidades terrestres (do mundo, da política, da libertação) e a teologia da igreja ortodoxa.

O paradigma ecológico remete a uma experiência de reencantamento do mundo e, por conseguinte, a uma nova experiência do Sagrado. Nesse reencantamento Boff vê a possibilidade de uma espiritualidade cristã mais integradora, que permita relacionar, sem dicotomizar e sem simplesmente identificar, Deus e mundo. Afirma então o *panenteísmo* cristão. O *pan-en-teísmo* distingue-se do panteísmo (identificação de Deus com o mundo: tudo é Deus) e do teísmo (distinção radical entre Deus e o mundo: Deus completamente apartado do mundo). "O pan-en-teísmo parte distinguindo, embora sempre relacionando, Deus e criaturas. Um não é o outro. Cada qual possui sua autonomia relativa, quer dizer, sempre relacionada. Tudo não é Deus, mas Deus está em tudo" (BOFF, 1993, p. 52). Essa compreensão permite assumir uma postura mais integradora com o mundo sem separá-lo do Sagrado, fazendo do mundo um espaço de encontro com o Deus-Trindade da experiência cristã.

Se o cristianismo oficial fomentou uma prática de dominação, o cristianismo de libertação favorece uma outra lógica do exercício do poder. Assentado sobre a vida, o serviço e a opção pelos pobres, o cristianismo de libertação, comunitário pretende uma síntese concreta entre fé e vida. A missão é entendida como testemunho, compromisso com o excluído a partir de seu mundo cultural, e não na perspectiva de uma invasão cultural. Esse cristianismo de libertação "renuncia aos mecanismos de dominação e valoriza cada expressão cultural em sua singularidade e sua capacidade de abertura às outras e por isso como fator de construção de universalidade concreta" (BOFF, 1994, p. 52).

Conforme Boff, um cristianismo libertador possibilita a vivência da fé cristã naquilo que ele tem de universalizável: a utopia do Reino

de Deus, que começa na história a partir do excluído e se realiza plenamente na salvação. Essa utopia ganha concretude em tudo aquilo que promove a vida (instituições, estruturas sociais, práticas políticas, etc), uma vez que o Deus cristão é o Deus da vida. A ressurreição expressaria a esperança última da vitória da vida sobre os mecanismos da morte.

O cristianismo, portanto, contribui para o surgimento de uma nova civilização ao defender a vida sob todas as formas e ao viver a irmandade universal a partir dos mais pobres, que no contexto ecológico compreende tanto os seres humanos excluídos quanto a Terra explorada. No feliz expressão de Boff: o cristianismo é fator de libertação *da* dominação e *para* a vida na medida em que articula o grito dos pobres com o grito da Terra.

Conclusão

O desafio ecológico está posto. Nos dias atuais não é mais possível negá-lo. Mas temos de discerni-lo em suas várias dimensões, do contrário, corre-se o risco de reduzi-lo a uma questão de simples otimização de recursos naturais. Leonardo Boff propõe uma abordagem que enfatiza a correlação entre ecologia, ética e cristianismo. Uma visão ecológica abrangente para um mundo que enfrenta cada dia mais desafios planetários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas, SP: Verus, 2002.
- _____. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *Ethos Mundial*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003a.
- _____. *Ética da Vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- _____. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003b.
- _____. *Nova era: a civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *A Opção-Terra*. Rio de Janeiro: Record, 2009.